



O BL tailandês *Love by Chance* e as masculinidades: uma resistência?

Carolina Monteiro Coelho

RESUMO

A pesquisa tem como principal preocupação analisar a masculinidade hegemônica e tóxica dentro do espectro da narrativa BL tailandesa presente nos seriados televisivos do gênero. A análise realizada voltou-se, principalmente, para dimensão discursiva e semântica dessa abordagem, sendo apoiada por reflexões históricas e teóricas sobre a construção das masculinidades e dos papéis de gênero. O estudo concluiu que as narrativas BL realizam um movimento de resistência a masculinidade hegemônica e tóxica, valorizando, por meio de seus personagens e de seu enredo, comportamentos humanos como a sensibilidade e a dependência ao outro, em detrimento de comportamentos considerados "masculinos". Além disso, notou-se que não necessitam sempre de um referencial heteronormativo, já que podem apresentar uma visão fluida sobre o que é gênero, tornando assim a necessidade de um referencial descartável.

Palavras-chave: masculinidade; hegemônica; tóxica; yaoi; BL; masculino; gênero; feminino; heteronormatividade.

INTRODUÇÃO

O seriado *Love by Chance* (บังเอิญรัก) foi ao ar na Tailândia, seu país de origem, durante o período de 3 de agosto de 2018 a 9 de novembro do mesmo ano, às sextas-feiras às 22 horas. É baseado na novel tailandesa “My Accidental Love is You รักนี้บังเอิญคือคุณ” da autora MAME, que possui 81 capítulos. Conta com 14 episódios de 50 minutos, e é a primeira e única temporada da série.

A escolha dessa produção de entretenimento como objeto de investigação se deu após uma análise minuciosa de distintos seriados BL, foco da pesquisa aqui apresentada. Após observar

estruturas narrativas comuns entre eles, e examinar os perfis das personagens apresentadas, optou-se aprofundar o estudo em *Love by Chance*. Isso se deve ao fato de que a série pareceu adequada para abordar o tema masculinidade e o possível caráter de **resistência** dessas produções a este.

O modo como o masculino é percebido pela sociedade ~~atual~~ transparece nos produtos midiáticos, como os filmes, as músicas, as novelas e os seriados. Entretanto, assim como os produtos culturais podem reverberar conceitos e padrões hegemônicos, demonstrando e reforçando ideias já consolidadas, “podem chocar-se com as já existentes, por serem diversas e mesmo contraditórias. Nesse caso, ao mesmo tempo que se apresentam certas ideias, pode-se negar as já existentes” (JAHR GARCIA. 1999, p.51).

A importância dessas representações e do modo com são abordadas relaciona-se, assim, à possibilidade de entender melhor o papel das séries BL **no tangente** ao seu perfil resistente aos modelos de masculino e à capacidade **tóxica** que os elementos que estes carregam podem causar, bem como as mudanças de concepções e estruturas de pensamento que esses produtos de entretenimento podem gerar.

Pode-se sintetizar os objetivos da pesquisa em um objetivo geral e um secundário. O objetivo geral é compreender as estruturas de masculinidade existentes e a relação destas com o seriado *Love by Chance*, no que diz respeito às características que reforçam e ao posicionamento narrativo da série em relação a estas. Para isso, tem-se como objetivo secundário analisar o conteúdo presente no enredo de *Love by Chance*, sob uma perspectiva semântica, para perceber a possível resistência ~~de~~ padrão de masculino dominante com a criação de um novo.

QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

A estruturação do problema requer o estabelecimento de uma formulação teórica. Para que isso seja possível, é necessário mapear a literatura sobre os temas aqui apresentados, de forma a estabelecer proposições e limites da pesquisa.

Por meio das diretrizes do modelo metodológico de Lopes (2009), foi possível delimitar o Quadro Teórico de Referência, apresentado a seguir, de modo a embasar as análises a serem realizadas.

Masculinidade hegemônica

Em uma perspectiva global, o conceito de masculinidade hegemônica pode ser descrito como os padrões, características, e toda representação do que a sociedade considera ideal para o comportamento masculino. Tem como função primordial legitimar a ascendência social dos homens sobre as mulheres em todos os aspectos da vida, o que é evidente em diversas sociedades em todo o mundo. Ainda, a masculinidade hegemônica também ressalta a superioridade dos homens "viris" sobre os homens "menos masculinos" (utilizando a própria definição do que é masculino ou não nesse modelo hegemônico). Esta ascendência social é muitas vezes retratada através de práticas religiosas, os meios de comunicação de massa, negócios e até mesmo através de políticas e práticas do governo.

O masculino, nesses termos, significa ser, pensar, sentir, exprimir-se e comportar-se como um homem e está associado às noções de racionalidade, coragem, dureza, robustez física, aos papéis de liderança e/ou de provedor econômico. Algumas outras características são:

Reforçadoras do estereótipo:

- Possui pensamento/raciocínio lógico;
- Pensar em vez de sentir;
- Tomar as rédeas da situação;
- Proteger mulheres e crianças;
- Ser agressivo;
- Ser aventureiro, se arriscar;
- Ser solitário.

Não tradicionais/evitadas/abominadas:

- Ser sensível aos sentimentos;
- Trabalhar com os outros;
- Aceitar ajuda;
- Ser expressivo com as emoções;
- Importar-se com as crianças;
- Ter relacionamentos harmoniosos;
- Engajar em atividades relacionadas à casa/lar;
- Ter amizades com mulheres sem intenções sexuais.

Entretanto, segundo Connell e Messerschmid (2005), a masculinidade hegemônica não é considerada normal no sentido estatístico. Apenas uma minoria de homens pode legitimá-la. Porém, é certamente normativo na medida em que incorpora o modo atualmente mais honrado de ser homem; requer que todos os outros homens se posicionem em relação a este modo de ser; e reforça ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens.

Em relação à sua origem, Sinay (2006) descreve que esse modelo de masculino, como o conhecemos atualmente, começou a ser formulado a partir da Revolução Industrial, em meados do século XVIII, na Inglaterra. Isso porque, da epidemia do maquinismo, oficinas foram criadas (precursores das fábricas) e instaladas fora das cidades, assim como exigiam uma grande força de trabalho, que era essencialmente composto por homens. Estes começaram a sair de casa para ir trabalhar, passando longas horas, às vezes dias ou semanas, sem ver seus filhos e suas esposas, ausentes do convívio familiar.

A especialização, assim, teve seu começo: os homens trabalharam para prover, as mulheres para vigiar a casa e criar os filhos. O mundo externo, livre, das cidades, tornou-se, cada vez mais, um mundo masculino; e o mundo do lar, a ideia do “estar preso”, cada vez mais, foi definido como um espaço feminino.

A Revolução Industrial significou uma transformação social de efeitos tão profundos que reverberam ainda nos dias de hoje. Ela também acompanhou a formação de novas nações; a consolidação do Estado nacional como modelo político, econômico e social; o nascimento de novos estados; levou à multiplicação das guerras civis, nacionais e internacionais. Como eram necessários para as fábricas, os homens também eram exigidos nos campos de batalha. Além de direcioná-los, eles impulsionaram com sua carne, seu tempo, seu corpo e seu sangue para a política e a economia.

Surge, desse modo, a concepção de que o homem não poderia acreditar em ninguém, pois nos postos de trabalho, seus semelhantes eram competidores e nos campos de batalha eles eram o inimigo: não se poderia confiar em quem pode aceitar seu emprego ou quem pode matá-lo, melhor é se prevenir, se afastar. As mulheres amadas estavam distantes, tornaram-se estranhas, reduziram-se ao seu papel apenas de mães, seres **que deram-os** filhos, então os homens adotaram como responsabilidade criá-los e alimentá-los com o dinheiro ganho.

A mulher do lar começa assim a ser pensada nos termos de: prendada, prestativa, submissa, responsável pela educação dos filhos e a nutrição e o cuidado de todos na família, multitarefa, mas também fiel a seu marido a quem lhe era permitida a infidelidade. Aos homens, contudo, havia outras mulheres nas cidades, nas proximidades das fábricas e dos campos de batalha às quais visitavam para realizar atos sexuais. Enquanto os homens eram explorados por um lado, tornavam-se exploradores subsidiários daquelas prostitutas (o excedente feminino não destinado à maternidade).

Masculinidades e feminilidades, logo, são socialmente construídas (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2005), definidas numa base binária e relacional ~~e~~ representando ideais e modelos culturalmente imaginados. Dessa forma, ~~portanto~~, não são naturais, espontâneas, fixas ou imutáveis, mas resultado de processos sociais e culturais dinâmicos, podendo, assim, serem confrontadas,(re)construídas e transformadas (BONI, 2002). Tal como Connell (1995; 2005) afirma, falar de masculinidades não significa falar necessariamente de homens, mas sim de relações de gênero, especificamente da posição do homem e do seu papel social imposto por seu gênero.

Masculinidade tóxica

Geralmente “masculinidade tóxica” é usada para se referir a uma coletânea de normas, crenças e comportamentos inter-relacionados e associados à masculinidade hegemônica, que são prejudiciais para mulheres, homens, crianças, ou seja, toda a sociedade, ~~de forma mais ampla~~. O conceito é útil em discussões sobre gênero e formas de masculinidade porque delinea aqueles aspectos da masculinidade hegemônica que são socialmente destrutivos, como misoginia, homofobia, ganância e dominação violenta; e aqueles que são culturalmente aceitos e valorizados (KUPERS, 2001). Afinal, não há nada especialmente tóxico no orgulho de um homem em sua habilidade de vencer nos esportes, em ter sucesso no trabalho, ou em sustentar sua família.

Deixando de lado o debate o caráter biológico ou socialmente construído dessas normas, crenças e comportamentos, o que não é um debate sem importância, mas aqui não é relevante, a implantação do termo “tóxico” expressa a nocividade das práticas e discursos que compõem essa noção de masculinidade restritiva, no sentido de que:

“A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção, a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres.”
(BORDIEU, 2012, p. 18)

Em relação às características associadas ao termo “masculinidade tóxica”, incluem-se:

- Hipercompetitividade;
- Individualismo;
- Autossuficiência (muitas vezes ao ponto de isolamento);

- Tendência para glorificação da violência (real ou digital, dirigida a pessoas ou qualquer coisa viva ou não-viva);
- **Chauvinism** (paternalismo em relação às mulheres);
- Sexismo (superioridade);
- Misoginia (ódio às mulheres);
- Rígidas concepções de identidade e papéis sexuais/de gênero;
- Heteronormatividade (crença na naturalidade e superioridade da heterossexualidade do cisgênero);
- Direito à atenção (sexual) das mulheres;
- Objetificação (sexual) das mulheres;
- Infantilização das mulheres (tratando as mulheres como imaturas e sem consciência ou sem capacidade de agir, desejando que sejam mansas e tenham aparência “jovem”).

Assim, a construção social do ideal de masculinidade é tão prejudicial para os homens quanto para as mulheres. Para estas, porque as oprime em absolutamente todos os aspectos de suas vidas, já que no intuito de “manter a ordem natural da sociedade” é reduzida, ridicularizada e classificada como inferior. Para os homens, porque os coloca em posição de um ser irracional, como se não fossem capazes de dominar suas vontades e estivessem sempre à mercê de seus instintos tal qual animais selvagens; assim como devem estar sempre suprimindo as emoções e sentimentos que são normais ao ser humano, como ser consciente e social.

Mídia como meio corroborante/impulsionador

É inegável a importância e influência da mídia no comportamento da sociedade, considerando que as mensagens que veicula nos distintos meios “[...] apresentam uma versão da realidade a partir da qual se propõe a necessidade de manter a sociedade nas condições em que se encontra ou de transformá-la em sua estrutura econômica, regime político ou sistema cultural.” (JAHR GARCIA. 1999, p.11).

É neste contexto, então, que emergem como altamente poderosas em manter ou desconstruir as identidades de gênero e dos estereótipos associados a estas. Segundo Ceccarelli (2010), os estudos acerca de gênero se impulsionaram com os movimentos feministas, que surgiram com o questionamento de que as diferenças fisiológicas e anatômicas entre homens e mulheres não era explicação lógica suficiente para embasar a superioridade do gênero masculino com relação ao feminino.

Se é praticamente inexorável que as imagens, representações e narrativas usadas nas produções midiáticas informam e dão forma profundamente ao conhecimento e às percepções que cada indivíduo tem do mundo, (McCombs e Shaw 1972; Shoemaker et al. 2001; Couldry et al. 2016), as identidades de gênero e os papéis que lhes são atribuídos não são uma exceção a esta lógica. Vários estudos mostram a grande influência que possuem em estruturar a forma como as crianças apreendem a noção de gênero, e instigar a forma como elas definem como meninas e meninos, homens e mulheres devem pensar, ser e se comportarem (Craig 1999; Katz e Earp 1999; Femiano e Nickerson, 2002).

Isto evidencia não apenas como a sociedade está mais consciente e receptiva à igualdade de gênero, como demonstra que está também disposta a dar voz a quem lhe quer ser testemunho. Por outro lado, o estereótipo da mulher frágil e indefesa ainda é reforçado através das produções cinematográficas, musicais e de entretenimento em geral, perpetrando indefinidamente relações tóxicas de poder entre homens e mulheres (CECCARELLI, 2010).

Ainda assim, o entretenimento veiculado nos meios midiáticos têm mostrado uma tendência crescente para desconstruir estereótipos e introduzir nas diferentes plataformas de mídia uma diversidade maior de feminilidades e de masculinidades, rompendo dicotomias estanques e desafiando estereótipos e normas de gênero tradicionais.

Porém, apesar desse fenômeno, ainda resta a dúvida se o que é apresentado pela mídia realmente alinha-se e está empenhado na luta pela igualdade de gênero (HASSINK, 2015).

Isto é, se os meios midiáticos estão à disposição de mudar não apenas o texto, mas também os subtextos; e se estão abertos não apenas para reproduzir a realidade como ela tem sido e como as mudanças por quais tem passado, mas também para reconhecer, compreender e fazer uso do seu papel de produtor de realidade.

É certo que, a igualdade de gênero na mídia continuará fora de alcance se os homens não forem parceiros no processo - tanto na tela quanto fora dela. Mudar os retratos estereotipados do que significa ser um homem é crucial para que isso aconteça. Pesquisas na área (HASSINK, 2015), têm mostrado que, por exemplo no caso de papel-modelo, as crianças que vêem seus pais participando das tarefas do lar têm maior probabilidade de apoiar a igualdade de gênero: as meninas podem se sentir empoderadas para buscar empregos menos tradicionais e os meninos são mais propensos a fazerem as tarefas domésticas como homens.

BL/Yaoi

O termo *Yaoi* consiste em três palavras japonesas: *yamanashi* (sem clímax), *ochinashi* (sem final) e *iminashi* (sem significado). Foi usado pela primeira vez para se referir aos trabalhos de *mangakas* amadores (paródias de quadrinhos profissionais), porque eles não tinham clímax, fim ou significado. À medida que mais e mais artistas amadores se concentraram na homossexualidade masculina, o conceito de *Yaoi* evoluiu. Este termo agora cobre uma categoria de homossexualidade masculina que possui significação distinta da realidade, isto por ser ficção romântica que visa entreter principalmente os leitores do sexo feminino (apesar de existir um público masculino crescente, conhecido como *fudanshi*).

Em capítulo destinado a este tipo de narrativa no cenário mais amplo dos mangás, McLelland em “Manga: An Anthology of Global and Cultural Perspectives” narra como ela surge. Sua origem, segundo o texto, tem início nas histórias românticas sobre o amor homem-homem (*nanshoku*) de longa tradição no Japão, geralmente com foco na atração entre um padre e um samurai (*nenja*) e seu coroinha (*chigo*) ou pajem.

“De fato, ‘relações eróticas entre homens (mas não entre as mulheres) carregavam uma certa quantidade de prestígio cultural’ e foram ‘interpretadas como um sinal de retidão masculina ou de uma admirável sensibilidade refinada’ (Reichert 2006, 6). Durante o período Edo (1603–1857), o apogeu da cultura samurai, o amor masculino era genuinamente considerado uma virtude heróica.” (MCLELLAND, 2010, p.82).

No entanto, com o início da modernidade no Japão, este tipo de amor foi descartado da escrita cânone japonesa (embora tenha continuado a existir nas margens). Na década de 1960, ao contrário da tradição anterior, que o amor masculino era providência de autores masculinos, escritoras japonesas começaram a se interessar por histórias sobre “garotos bonitos”. O início dos anos 1970 foi o cenário em que ocorreu um aumento significativo nos contos sobre o amor homem-homem quando o mangá para meninas começou a lidar com a homossexualidade masculina, particularmente o amor entre garotos bonitos de um gênero que veio a ser conhecido como "boys love" ou *shōnen'ai*, subgênero dos manga *shoujo*, em que os personagens *bishounen* (garotos bonitos) são desenhados de forma andrógina, com olhos grandes e cabelos esvoaçantes, bem semelhante ao modo como a figura feminina era tradicionalmente caracterizada. Ainda, há uma tendência dentro do BL para os personagens não se identificarem como homossexuais, mas como homens heterossexuais que são de alguma forma atraídos por outros homens (ISHIDA, 2015).

No final da década de 1970, a comercialização do **Boys Love** começou com o publicação da revista JUNE, que é a primeira revista BL. Teve início, assim, a produção de mangás, animes, romances visuais, CDs de drama, filmes de ação ao vivo, peças de teatro e jogos focados neste tipo de narrativa amorosa. O gênero BL se tornou popular recentemente, ainda, devido ao surgimento da internet que permitiu aos fãs acessarem mangás, animes e outros produtos do gênero (AMBULO; BATIN, 2016).

O BL tailandês, no entanto, diferencia-se um pouco do yaoi/bl japonês, apesar de descender deste. Primeiramente, por não ser um produto cultural em forma de quadrinhos ou desenhos animados, como os mangás e os animes, mas sim no formato de **novels** e seriados televisivos (geralmente baseados nestas). Em segunda instância, a caracterização e as narrativas são feitas de forma diferente: os personagens não são esteticamente femininos, ainda que estejam dentro de um padrão estético de beleza (pele perfeita, corpos magros/sarados, etc), e o enredo da maioria delas foca em um relacionamento gradual e respectivamente mais realista do que os do yaoi japonês, que foca no aspecto do erotismo mais do que no do romance, o que muitas vezes parece apressado ou irreal ao espectador.

O primeiro produto deste gênero na Tailândia foi o filme *Love of Siam*, produzido em 2007, sendo seguido por muitos outros ao longo dos anos. Séries como *Diary of Tootsies* (2016), *Love by Chance* (2018) e *Sotus* (2016) tiveram altíssimas audiências, 220; 115 e 114 milhões respectivamente (apenas as primeiras temporadas), e BLs em geral são altamente rentáveis,

pois geram fãs fiéis, que comprem produtos e ingressos para eventos relacionados às séries. O número de produções do gênero realizadas por ano têm aumentado gradativamente, assim como é crescente a fama pelo mundo deste tipo de produto de entretenimento.

HIPÓTESES

Percorrido um caminho de reflexões relacionado ao objeto empírico desta pesquisa – a série tailandesa *Love by Chance* – formulou-se, então, algumas hipóteses sobre o que pode ser apreendido deste seriado, analisado aqui como um modelo do formato narrativo das produções BL,. São elas:

Hipótese principal: as séries BL são um meio de resistência à masculinidade hegemônica e tóxica do entretenimento, principalmente em uma perspectiva ocidental.

Hipótese secundária 1: o elemento que permite que o BL seja um meio de subterfúgio à masculinidade hegemônica é o caráter heteronormativo de suas narrativas, pois dá referencial à narrativa.

Hipótese secundária 2: a orientação sexual dos personagens não é o elemento desencadeador para a presença das características subversivas, e sim o padrão da narrativa em si.

METODOLOGIA

Para cumprir o objetivo geral da ~~campanha~~, no que diz respeito à compreensão da representação das masculinidades e como são abordadas no seriado *Love by Chance*, assim como nos BLs de forma geral, será utilizada uma metodologia estruturada em pesquisa empírica, com estratégia de investigação baseada em uma análise descritiva, qualitativa e semântica dos personagens e do enredo da série.

PESQUISA EMPÍRICA

Sinopse e considerações iniciais

A série conta a história do casal Pete e Ae. Pete é um menino rico que estuda na parte mais rica da Universidade. Já Ae é mais humilde, e divide o dormitório universitário com seu

melhor amigo, Pond. Pete vai de carro para a faculdade; Ae, de bicicleta. Aquele é um menino inexperiente e indefeso, enquanto este sabe se virar sozinho e não tem medo de enfrentar ninguém. A história começa quando os dois se trombam na rua e Ae ajuda Pete, que se machucou na queda, e a partir desse evento ficam cada vez mais próximos até se apaixonarem.

O seriado também foca em outros personagens secundários, como Tin (amigo mesquinho e rico de Pete), e seu alvo de interesse romântico, Can (que, por sua vez, é amigo de Ae e parceiro no time de futebol do curso).



Love By Chance teve uma boa audiência pelas pessoas que consomem BL na Ásia, até mesmo na China, país em que produções do tipo foram censuradas em 2016, colocando o casal #PeteAe no topo do Weibo várias vezes. A série arrastou uma multidão de fãs também no Vietnã, na Coreia e nas Filipinas.

A série aborda diversos temas da juventude, como a descoberta de novas experiências e da sexualidade; o bullying e o preconceito à homossexualidade; família; amizade; etc. Ainda, já em seu escopo, traz uma quebra de um estereótipo quase onisciente na narrativa BL, isto é, a necessidade da “beleza padrão” na caracterização das personagens: Ae, protagonista, é diversas vezes caracterizado como feio e baixinho, e Can apresenta traços distintos dos considerados padrão também.

Além disso, possuiu destaque, outrossim, por apresentar muitas cenas eróticas, algo pouco utilizado nas narrativas BLs tailandesas em geral, principalmente aquelas que têm como cenário o mundo escolar ou universitário. Esse enfoque, contudo, não é feito de forma apressada ou altamente sexualizada como acontece no yaoi japonês, mas é mostrado como um passo normal de um relacionamento saudável, uma prática intrínseca ao mundo jovem e à descoberta da sexualidade. Assim, o sexo realizado pelo casal principal não apresenta traços de dominação ou estupro, como muitas vezes é trazido nas narrativas japonesas.

“Se a relação sexual mostra-se como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão

fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo — o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação. No caso em que, como se dá nas relações homossexuais, a reciprocidade é possível, os laços entre a sexualidade e o poder se desvelam de maneira particularmente clara, e as posições e os papéis assumidos nas relações sexuais, ativos ou passivos principalmente, mostram-se indissociáveis das relações entre as condições sociais que determinam, ao mesmo tempo, sua possibilidade e sua significação.” (BORDIEU, 2012, p. 31)

De forma geral, então, já pode-se ver que existe resistência à masculinidade tóxica na narrativa, pois a superioridade de um sobre o outro no ato sexual é dissipada, dando lugar ao relacionamento colaborativo, igualitário. Mas este é apenas um dos fatores combatidos dentro do mundo BL e, portanto, será aprofundada a análise para esmiuçar todos os aspectos de resistência que possui.

Análise dos personagens

Para efeito de análise, nem todos os personagens serão apresentados aqui, mas aqueles que contribuem mais ao objeto de estudo.



Ae: é um garoto pobre, de bom coração e leal aos seus princípios. Como dito anteriormente, não se encaixa nos padrões de beleza esperados de um protagonista de BL, pois é baixinho, não tem feições consideradas típicas masculinas (como ser musculoso, ter a linha do queixo proeminente, sobrancelhas grossas) nem consideradas femininas (o que caracteriza as personagens no yaoi japonês e algumas vezes está presente no “passivo” nas novelas tailandesas, apesar de ser na minoria delas).

Ainda, ele apresenta características essencialmente anti-hegemônicas, como ser sensível aos sentimentos e expressivo com suas emoções: sejam as cenas com sua sobrinha, com seus amigos ou com seu par romântico, Ae sempre demonstra o carinho e amor que tem por eles.



Quando começa a duvidar que está apaixonado por Pete, nunca rejeita o pensamento com medo ou aversão à homossexualidade, e até mesmo procura por conselhos daqueles à sua volta para entender seus sentimentos. Assim, essa personagem se mostra um exemplo claro de oposição das características normativas das masculinidades hegemônica e tóxica.



Pete: amoroso, sofrido e delicado. Essa personagem é o contrário do que esperamos quando alguém descreve um homem. Durante toda a série, Pete se mostra como um garoto ingênuo, que acredita no melhor das

pessoas sempre; gentil e afetivo. Seu relacionamento com as mulheres é um ponto importante a ser levantado: possui estreita amizade com sua mãe, algo não tão comum no mundo masculino, além de ser alvo de interesse de muitas



garotas da universidade, o qual não é recíproco, mas ele nunca as trata como objetos, assim como não as rejeita de forma grosseira. Outras características que apresenta e que são contrárias àquelas esperadas socialmente do homem são sua capacidade de receber ajuda (a qual fica muito satisfeito, inclusive, e que é a razão pela qual ele e Ae se aproximam), sua sensibilidade e expressividade quanto às emoções (muitas cenas dele são chorando, inclusive).



Can: divertido, fofo e atrapalhado. Essa personagem se assemelha ao que caracterizariam como uma criança feliz e hiperativa. Can pode ser explicado como o contrário de autossuficiente— ele adora a companhia dos amigos, assim como odeia ficar sozinho; além disso, é extremamente

ingênuo. Uma das características que mais são delineadas durante a série é sua lealdade àquilo e àqueles que acredita/ama.

Essa personagem traz, ainda, elementos interessantes para nossa análise: é competitivo nos esportes, assim como zela pela proteção de sua irmã e de seus amigos quando acredita que estão expostos a algum perigo. Essas características são típicas do comportamento masculino hegemônico: no entanto, não há nada de tóxico nelas. Assim, a partir daqui abre-se a discussão de quais aspectos das masculinidades o BL tailandês realmente combate, que será melhor abordada na análise de enredo e nas considerações finais.



Pond: essa personagem abre outro precedente, pois algo muito importante a diferencia das anteriores— distintamente de Ae, Pete e Can, Pond é heterossexual. Se a homossexualidade de alguma forma pudesse ser considerada o berço das características anti-hegemônicas e não tóxicas, aqui essa explicação é jogada a escanteio. Assim como seus amigos, essa personagem mostra-se uma resistência aos padrões normativos masculinos: apesar de seu aparente vício em assistir pornô, Pond é extremamente respeitoso com a decisão da sua namorada de preservar-se (em cena, ela pergunta a ele se não se entediaria por ela ser muito reservada, e ele a responde dizendo que todos deveriam sempre respeitar a decisão do outro de não ser tocado e que isso não é a coisa mais importante de um relacionamento); não só nessa decisão, ele respeita as palavras dela, em nenhum momento a tratando de forma inferior ou infantilizada.

Ainda, Pond tem uma amiga na série, Bow, a qual em nenhum momento objetifica ou mostra interesse sexual/romântico, algo comumente esperado do homem quando amigo de uma mulher. Ao contrário, ele a trata da mesma maneira que faz com os amigos homens. Essa personagem mostra que misoginia, sexismo e homofobia não são inatas ao homem, seja qual for sua sexualidade (e confirma a hipótese secundária 2).



Trump: por fim, tem-se o antagonista. Este sim vem como uma ótima representação de tudo que é tóxico na masculinidade normativa. Ganancioso, homofóbico, violento, agressivo, individualista e dissimulado, o vilão da série traz todos os aspectos que os perfis de seus protagonistas combatem. Se considerarmos que Trump é algo como a personificação da

masculinidade hegemônica tóxica, podemos claramente perceber que ele ser o antagonista não é sem motivo— a narrativa quer que seus espectadores rejeitem tudo que é como ele.

Análise do enredo

Após tudo o que já foi apresentado, falta ainda uma análise mais geral do que o enredo de *Love By Chance* traz em seu cerne. Já é claro que as personagens em si apresentam características distintas daquelas esperadas de personagens masculinas normativas, mas e quanto à história que a série nos conta?

O romance é o foco principal da narrativa, mas não é a única coisa que é mostrada. No seriado, mais do que apenas a questão da sexualidade, a ideia de gênero é fluida, desconstruída de seus aspectos limitantes. O papel de gênero, de homem e mulher, se misturam até que não existe mais nenhum:

“ [...] não há fundamentos fixos das categorias de gênero, pois “o gênero é ‘praticável’, trazendo à existência as identidades por meio de ações repetitivas, em vez de serem a expressão de uma realidade preexistente”. Portanto, nessa perspectiva o radicalismo de gênero não se mobilizaria em torno de uma identidade única como a categoria “mulher”, mas por meio de ações capazes de subverter essa identidade e de questionar a dicotomia e as normas de gênero (CONNELL & PEARSE, 2015).” (PERUZZO; ORLANDINI, 2018, p. 6)

Combatendo a noção dos papéis do gêneros, a série dá o pontapé inicial para subverter todos os padrões **que depreendem-se** deles. A feminilidade combatida por homens se torna intrínseca daqueles “de bem” (considerando que o vilão não a apresenta), seja no modo de se comportar ou nas ações que realizam e que são consideradas normalmente “tarefas de mulher”, mostrando que essas funções dizem respeito aos cuidados básicos como alimentação e higiene do próprio homem e dos demais integrantes da família e, portanto, são funções passíveis de serem desempenhadas por qualquer um, independente do gênero.

A sensibilidade e expressão dos sentimentos na narrativa é extremamente necessária para mostrar a construção dos relacionamentos amorosos dos dois casais principais e assim, de forma natural, acaba combatendo a repressão de sentimentos e emoções imposta pelo ideal de masculinidade, que desencadeia um comportamento violento nos homens, pois a própria repressão já é a expressão da violência autoinfligida, visto que as emoções e sentimentos são partes indissociáveis de todos os indivíduos, independente do gênero.

Até mesmo a heteronormatividade, considerada como um provável elemento da narrativa BL, mostrou-se irrisória no enredo do seriado. Apesar de existirem algumas menções à caracterização do passivo como a “esposa” da relação homoafetiva, elas não são baseadas na ideia da superioridade do heterossexual, talvez quem sabe na naturalidade. No seriado aqui analisado, a hipótese secundária 1 não mostrou-se completamente verdadeira, mas fica em aberto se não é uma realidade de outras séries: a heteronormatividade relativa pode ser sim um referencial para que sejam quebradas as barreiras de gênero, porém em *Love by Chance* essas já são apresentadas indefinidas desde o começo.

O enredo dessa produção, portanto, é singelamente um romance entre dois garotos que estão conhecendo o amor pela primeira vez, mas também é “lugar para uma luta cognitiva a propósito do sentido das coisas do mundo e particularmente das realidades sexuais.” (BORDIEU, 2012, p. 22). É basicamente uma história sobre relacionamentos humanos, mas que comporta-se diferente de outras histórias conhecidas, porque entrelaçado ao objetivo de entreter, seu enredo é uma resistência: “a indeterminação parcial de certos objetos autoriza, de fato, interpretações antagônicas, oferecendo aos dominados uma possibilidade de resistência contra o efeito de imposição simbólica.” (BORDIEU, 2012, p. 22).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Tanto a educação formal quanto a informal ensinam os meninos japoneses a se comportarem de maneira estereotipada, encorajando-os a se orgulharem de ser agressivos, autoritários e dominantes. Em contraste, acredito que os textos BL instigam fudanshis a reavaliar paradigmas de gênero socialmente estabelecidos e a eles para desenvolver uma leitura pós-moderna do masculino e da

masculinidade, reconhecendo um desejo do homem de acessar uma esfera orientada para mulheres, um desejo / processo / ato que eu chamo de "auto-feminização". Sugiro que as vozes de outros fudanshi são, portanto, persuasivas em ajudar a fudanshis individuais a superarem os dilemas que enfrentam em relação à necessidade percebida de "desempenhar" um papel masculino socialmente imposto quando, de fato, não desejam ou não se sentem para (naturalmente) executar esse papel. (NAGAIKE, 2015, s.p).

Apesar de não estar-se focando nas narrativas BL japonesas ou apenas no público masculino dessas produções, essa colocação de Nagaike encaixa-se bem em tudo que foi apresentado sobre *Love by Chance* e os BLs tailandeses. Fugindo de padrões ensinados e esperados do homem, essas narrativas são um subterfúgio aos padrões tóxicos da representação masculina em outros tipos de produtos de entretenimento ocidentais.

O gênero não é uma simples derivação do sexo anatômico, mas uma “construção semiótica, uma representação ou, melhor dito, um efeito composto de representações discursivas e visuais” (DE LAURETIS, 2015, p. 108). Assim, da mesma forma que surgiu e foi institucionalizado, os ideais de masculinidade hegemônica e as consequências dele, a masculinidade tóxica, podem ser desconstruídos e substituídos por noções mais fluidas dos gêneros e de como eles devem se comportar.

Muitos diretores de séries BL caracterizam suas narrativas como uma história de amor não necessariamente LGBT+, mas como o amor na sua mais pura forma: o amor independente do gênero, o amor entre humanos. Talvez, mais do que apenas o amor sem padrões e limitações, as narrativas BL dos seriados tailandeses trazem aos seus espectadores a ideia de que, assim como amar, ser verdadeiramente humano independe das noções de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBULO, N; BATIN, C. Boys love genre: clearing up misconceptions. Universidade de La Salle. 2016.

BONI, F. 2002. "Framing Media Masculinities. Men's lifestyle magazines and the biopolitics of male body". *European Journal of Communication*. vol. 17.

BORDIEU, P. *A dominação masculina*/Pierre Kühner. - 11º ed. - Rio de Janeiro. 2012.

CECCARELLI, Paulo Roberto. *Psicanálise, sexo e gênero: algumas reflexões*, 2010. Disponível em: <http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=1483>. Acessado em 09 de maio de 2019.

CONNEL, R. *Masculinities*. Cambridge: Polity Press. 1995.

_____; PEARSE, R. *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: Versos, 2015.

_____; MESSERSCHMIDT, J. *Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept*. Sage Publications. *Gender and Society*, Vol. 19, No. 6 (Dec., 2005), pp. 829-859.

COULDRY, N; LIVINGSTONE, S; MARKHAM, T. 2016. *Media consumption and public engagement: Beyond the presumption of attention*. Londres: Palgrave Macmillan.

CRAIG, S. (ed). 1999. *Men, Masculinity, and the Media*. Londres: Sage.

DE LAURETIS, T. *Gênero y teoría queer*. *Mora* (Buenos Aires), v. 21. 2015.

FEMIANO, S. e NICKERSON, M. 2002. "How do media images of men affect our lives?". *Media & Values*. Disponível em: <<http://www.medialit.org/reading-room/how-do-media-images-men-affect-our-lives>>. Acesso em: 4 de junho de 2019.

JAHN GARCIA, N. *Propaganda: ideologia e manipulação*. RocketEdition. 1ª edição (ebook). 1999.

HASSINK, Alexa. 2015. "Men on Screen: Over-Represented, Badly Portrayed". *New America*. 2015. Disponível em: <<https://context.newamerica.org/men-on-screen-over-representedbadly-portrayed-404a0b804c79>>. Acesso em: 4 de junho de 2019.

ISHIDA, H. 'Representational appropriation and the autonomy of desire in yaoi/BL', in Mark McLelland, Kazumi Nagaike et al; *Boys Love Manga and Beyond: History, Culture, and Community in Japan*, Jackson: University of Mississippi Press. 2015.

KAREITHI, P. Hegemonic masculinity in media contents. UNESCO. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/publications/gamag_research_agenda_kareithi.pdf>. Acesso em: 4 de junho de 2019.

KUPERS, T. (2001). Psychotherapy with men in prison. In G. Brooks & G. Good (Eds.), A new handbook of counseling and psychotherapy approaches for men. San Francisco: Jossey-Bass.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. Pesquisa em Comunicação. 9ª ed. São Paulo. 2009.

LOVE BY CHANCE. Asia No Cinema. 2019. Disponível em: <<https://asianocinema.com.br/2019/03/31/love-by-chance-6-polemicas-que-envolveram-a-serie-bl-na-tailandia/>>. Acesso em: 27 de junho de 2019.

_____. MyDramaList. 2018. Disponível em : <<https://mydramalist.com/27393-love-by-chance>>. Acesso em: 4 de junho de 2019.

MCCOMBS, M. e SHAW, D. 1972. “The agenda-setting function of mass media”. The public Opinion Quarterly. 36(2): 176-187.

MCLELLAND, M. The beautiful boy in japanese girls’ manga. Em Manga: An Anthology of Global and Cultural Perspectives. Edited by Tony Johnson-Woods. 2010.

NAGAIKE, K. Do Heterosexual Men Dream of Homosexual Men?: BL Fudanshi and Discourse on Male Feminization. In: Boys’ love manga and beyond: history, culture and community in Japan. Mississippi: University Press of Mississippi. 2015. 189-209.

NOH, S. Reading YAOI Comics: An Analysis of Korean Girls’ Fandom. 2001.

PERUZZO, A ;ORLANDINI, R. Gênero e desconstrução: a ressignificação da masculinidade em anúncios de Axe e Natura. Universidade de São Paulo. 2018.

SANTOS, S. Entre o papel de espelho e o de produtor da realidade: os media e a (des)codificação de masculinidades. 2018.

SCULOS, Bryant W. (2017). Who’s Afraid of ‘Toxic Masculinity’?. 2017.

SINAY, S. La masculinidad tóxica. Buenos Aires, Ediciones B, 2006, 208 p.